

Assembleia de ausentes

As fotografias de Ahlam Shibli têm, desde meados dos anos 1990, descrito condições de vida sob opressão. A estética documental forjada nos territórios ocupados por Israel para abordar os traumas implícitos na discriminação, expulsão e morte violenta da população palestina foi transposta para outros locais onde a ideia de lar é igualmente problemática. Tomando por objeto as comemorações da Resistência francesa e as contradições que encerram — patenteadas pela revelação de que as vítimas de uma violência atroz podem, pouco tempo depois, ser agentes de um regime colonial igualmente injusto — ou a decisão desesperada de indivíduos forçados a emigrar para poderem reconciliar os seus corpos com o desejo de escolher o género que sentem como seu, o trabalho de Ahlam Shibli revela modos de migração e ocupação que não são exclusivos da condição palestina, antes se estendem a outros estados e situações marcados pela injustiça e o paradoxo.

“Phantom Home” [Lar fantasma] reúne as principais séries fotográficas até hoje produzidas por Ahlam Shibli. A exposição e a publicação que a acompanha ficaram a dever-se à generosidade da artista e ao empenho conjunto de três instituições: o Museu d’Art Contemporani de Barcelona, Jeu de Paume, em Paris, e o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto. Dessa congregação de esforços resulta também *Death*, um dos trabalhos mais emblemáticos da artista. As sessenta e oito imagens a cor que a constituem, acompanhadas por legendas frequentemente exaustivas, ocupam o corpo central desta publicação. Fotografias, cartazes, campas e grafitos invocam combatentes palestinianos mortos durante a resistência armada contra a ocupação israelita ou numa variedade de outras circunstâncias (*Shaheed, Shaheeda*), operadores de martírio (*Istishhadi, Istishhadiya*) e prisioneiros que, de um modo geral, são considerados mártires falhados. Em conjunto, eles constituem uma assembleia de ausentes.

Com esta série, Ahlam Shibli leva uma vez mais a prática documental até aos limites do visível. O mártir convoca uma estética e uma política de desaparecimento que visam, como afirma Esmail Nashif no seu ensaio, recuperar o controlo da morte palestinianiana. Segundo este autor, depois de expostos a diversas formas de violência, os palestinianos viram-se expropriados da capacidade de gerir a sua

própria morte. A fotografia enfrenta aqui uma tarefa insólita: expor a aniquilação coletiva. Não se lhe pede que mostre a morte de um corpo, mas sim a destruição de tudo o que poderia manter e comprovar a existência de uma sociedade civil. Como é habitual na sua forma de trabalhar, Ahlam Shibli abordou este tipo de realidade material conversando com familiares e amigos dos mártires. Durante esses encontros, surgiram outras fotografias, que nos recordam a impossibilidade de um acesso direto a acontecimentos passados. Uma vasta produção visual em memória dos mártires assume o protagonismo em *Death*.

A convivência com essas imagens, algumas envelhecidas pela exposição aos elementos e outras veneradas nos interiores domésticos dos familiares mais próximos, sugere que a esfera pública palestinianiana cedeu o protagonismo aos ausentes.

No ensaio de sua autoria, T.J. Demos pergunta onde está a distância crítica em relação a um ambiente que celebra a morte criando um espaço saturado de imagens de mártires. Certo é que as fotografias de Ahlam Shibli nos precipitam para uma imersão de que dificilmente se pode escapar. Ao mesmo tempo, porém, elas não subscrevem nenhum dos mais comuns modelos interpretativos da colonização, quer no caso de *Death*, quer noutros trabalhos. A narrativa das suas séries não assenta na causalidade dos eventos representados, antes decorre da dinâmica da representação. A ausência aparente de uma postura crítica é sufocada pela atitude devocional que as representações dos mártires reclamam. Estas são fotografias que desativam a mobilização característica do registo humanista e poupam as vítimas a uma nova vitimização, desta feita às mãos da própria fotografia. Ahlam Shibli põe em prática um conceito de fotografia à luz do qual o meio se recusa a acolher indiscriminadamente todos os objetos e sujeitos que passam diante da objetiva.

A prática documental de Ahlam Shibli nega a premissa subjacente a um tipo de fotografia que, fornecendo imagem a qualquer acontecimento em debate, se impôs como ingrediente essencial da opinião pública global. Esse regime hipervisual permite-nos tudo ver e conhecer, sem no entanto garantir a ocasião para agir — precisamente o que a artista Hito Steyerl designou como “reflexividade ociosa”: informação sem direito à ação ou possibilidade de

intervenção. A fotografia de Ahlam Shibli requer textualidade para suspender a autonomia da imagem e a introduzir num regime em que já não é usada para fins informativos. A reflexividade das imagens de Shibli reside na relação com os sujeitos que nos dão a ver, permanecendo simultaneamente bloqueada na própria fotografia. Por outro lado, dificilmente uma fotografia pode ser isolada da série a que pertence, pois o sentido de cada uma está vinculado ao da sequência. Aí reside um mar de signos rico e complexo, único vestígio de comunidade em situações de vida precária.

Carles Guerra
Marta Gili
João Fernandes
Isabel Sousa Braga

Curadores da exposição